



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB – CAMPUS IV  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS- CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES- DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

GILMARA PEREIRA DA COSTA

O PODER DO DISCURSO NA CANÇÃO “GENI E O ZEPELIM” DE CHICO  
BUARQUE E NO CONTO “BOLA DE SEBO” DE GUY DE MAUPASSANT

CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2016

GILMARA PEREIRA DA COSTA

O PODER DO DISCURSO NA CANÇÃO “GENI E O ZEPELIM” DE CHICO BUARQUE E NO CONTO “BOLA DE SEBO” DE GUY DE MAUPASSANT.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, para atender a um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Me. Rômulo César de Araújo Lima.

CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837p Costa, Gilmara Pereira da  
O poder do discurso na canção [manuscrito] / Gilmara Pereira da Costa. - 2016.  
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Agrárias, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Rômulo César de Araújo Lima,  
Departamento de Letras e Humanidades - DLH".

1.Poder. 2.Discurso persuasivo. 3.Manipulação I. Título.

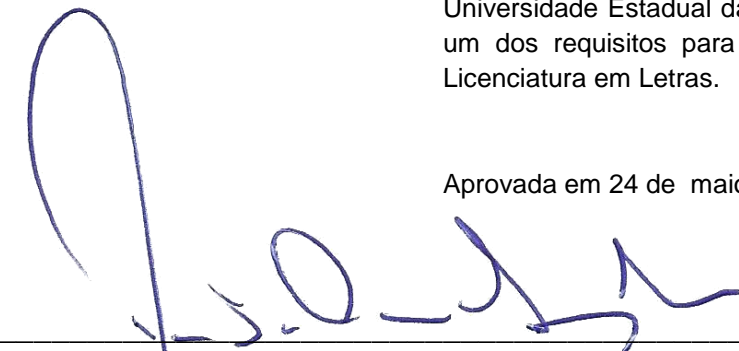
21. ed. CDD 401.9

GILMARA PEREIRA DA COSTA

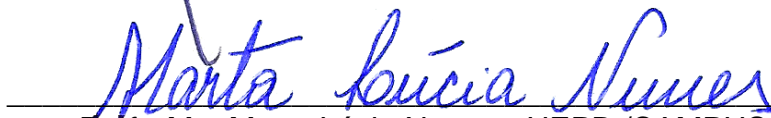
O PODER DO DISCURSO NA CANÇÃO “GENI E O ZEPELIM” DE CHICO BUARQUE E NO CONTO “BOLA DE SEBO” DE GUY DE MAUPASSANT.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, para atender a um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.


Aprovada em 24 de maio de 2016



Prof. Me. Rômulo César de Araújo Lima- UEPB /CAMPUS IV  
Orientador



Profª. Ma. Marta Lúcia Nunes - UEPB /CAMPUS IV  
Examinadora



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo - UEPB /CAMPUS IV  
Examinador

*“O egoísmo não consiste em vivermos os nossos desejos, mas sim em exigirmos que os outros vivam da forma como nós gostaríamos. O altruísmo consiste em deixarmos todo mundo viver do jeito que bem quiser.”*

OSCAR WILDE

Dedico este trabalho aos meus filhos Bento e Theo, que embora não tenham conhecimento disto, iluminam de maneira especial os meus dias.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que ilumina meus caminhos, é meu socorro presente nas horas de angústia.

A minha família, meu porto seguro em todos os momentos. A minha mãe que sempre supriu minhas necessidades. Ao meu pai, que mesmo sendo analfabeto, sempre soube o valor do estudo. As minhas irmãs Girlandy e Gicell e meu irmão Gil, pelo apoio nessa caminhada. A meus sobrinhos que sempre me alegram e trazem conforto.

A meu marido Kaio, pelo carinho e paciência, durante o período de construção deste trabalho. A meus filhos Bento e Theo, que iluminam meus dias.

Não poderia deixar de agradecer à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e aos professores que contribuíram para minha formação acadêmica, em especial a meu orientador Rômulo César, pela paciência e disposição, suas orientações foram fundamentais para a realização deste artigo.

Aos professores que fazem parte da banca examinadora Marta e Fábio.

Aos meus amigos e colegas de curso especialmente a Paulinha, Tiego, Heloisa e Juliana com as quais sempre pude contar e compartilhar momentos de estudo e alegrias. A Robelha que sempre me fez acreditar que conseguiria alcançar meus objetivos.

# O PODER DO DISCURSO NA CANÇÃO “GENI E O ZEPELIM” DE CHICO BUARQUE E NO CONTO “BOLA DE SEBO” DE GUY DE MAUPASSANT.

COSTA, Gilmara pereira da  
Licenciada em letras-UEPB/CAMPUS IV

LIMA, Rômulo César de Araújo  
Prof. Me. Orientador - UEPB /CAMPUS IV

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender como o poder é exercido através do discurso ao ponto de manipular o ser humano. Adotamos, como objeto de estudo, a canção “Geni e o Zepelim” (1977-78) de Chico Buarque de Holanda e o conto Bola de Sebo (1880), do escritor francês Guy de Maupassant. Ambas narrativas levam a refletir sobre o preconceito, o autoritarismo e a manipulação da burguesia com a classe oprimida. Geni e Bola de sebo são repudiadas pela sociedade, até surgir um comandante em um “enorme zepelim” e um soldado prussiano, ambos interessados numa noite de prazer com as donzelas. Diante o perigo, a sociedade implora pela salvação, alicia as “heroínas” com um discurso persuasivo e de interesse próprio. Clama para que as donzelas cedam aos caprichos do comandante do zepelim/soldado prussiano, mesmo contra sua vontade. Tanto a música como o conto fazem uma feroz crítica à sociedade capitalista, na qual as pessoas são divididas por classes. Como base teórica, tomou-se o filósofo francês Michel Foucault e o alemão Theodor W. Adorno.

**Palavras-chave:** Poder. Discurso persuasivo. Manipulação.

## ABSTRACT/RESUMEN

The Present Work aims to understand how power is exercised through the speech the Manipulate point the Human Being. It became, as study object, the song "Geni and the Zeppelin" (1977-1978) by Chico Buarque de Holanda and the tale Ball Sebo (1880), the French writer Guy de Maupassant. Both Narratives lead to reflect about prejudice, authoritarianism and bourgeois manipulation with the oppressed class. Geni and tallow Ball are repudiated by society until a commander in a “huge zeppelin ” and a Prussian soldier, both interested in a night of pleasure with the damsels. Faced with the danger, society begs for salvation, entices the “heroines “with a persuasive speech and self-interest. Cry for the maidens fall prey to the whims of the commander of the zeppelin / Prussian soldier, even against their will. Both the music and the story make a fierce critique of capitalist society, in which peoples are divided by classes. As a theoretical basis, it became the French philosopher Michel Foucault and German Theodor W. Adorno.

**Keywords:** Power. Persuasive speech. Manipulation.



## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1. GUY DE MAUPASSANT E CHICO BUARQUE</b> .....	10
<b>2. O DISCURSO COMO FORMA DE MANIPULAÇÃO NO “CONTO BOLA” DE SEBO E NA CANÇÃO “GENI E O ZEPELIM”</b> .....	15
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	27

## INTRODUÇÃO

As relações de poder estão presentes em todos os aspectos da vida em sociedade. O poder de manipulação está presente no discurso das pessoas como forma de instrumentalizar o contato social. Desse modo, compreende-se a partir dos estudos de Foucault “o poder é alguma coisa que opera através do discurso” (FOUCAULT, 2006, p. 53). Com isso, o discurso se torna imprescindível para o exercício do poder.

Desse modo, objetivamos, com a produção deste trabalho, o desejo de atender os interesses que se revelam no discurso dos personagens, mostrando o poder de convencimento exercido por eles, com o intuito de conseguirem os objetivos almejados, no caso, a salvação.

A letra da música **Geni e o Zepelim** de Chico Buarque de Holanda assim como o conto **Bola de Sebo**, do escritor francês Guy de Maupassant, buscam criticar a hipocrisia social, o falso moralismo e as relações oportunistas estabelecidas pelo capitalismo.

O trabalho busca estabelecer as relações de sentido entre os dois textos, as construções linguísticas que dão forma aos discursos, segundo os quais a construção de identidade dos personagens configura-se a partir do desejo e da fala do outro.

Nosso trabalho se divide em dois capítulos, no primeiro, abordaremos a vida e alguns dos principais trabalhos dos escritores em estudo, Chico Buarque e Guy de Maupassant.

Grande parte dos trabalhos de Chico Buarque foram realizados no contexto histórico da ditadura militar, atentando às questões políticas, sociais e culturais em suas produções, como forma de denúncia e resistência aos problemas sociais, enfatizando a sociedade brasileira, a qual passava por um período turbulento da sua história.

Mesmo em épocas diferentes, os pensamentos eram bastante parecidos, assim como Chico Buarque, Guy de Maupassant objetivava descrever, em suas obras, os sentimentos humanos ao explorar, de forma contundente, as mazelas existentes em uma sociedade egoísta.

As narrativas em estudo mostram, também, onde o homem pratica tal egoísmo, rompe os ensinamentos e até mesmo a própria razão humana, para

tanto, foram levadas em consideração as reflexões de Menezes, Carvalho, Martins, Neves, Wagner Homem, entre outros estudiosos dos autores aqui abordados.

No segundo capítulo, apresentaremos uma análise da letra da música “**Geni e o Zepelim**” e do conto “**Bola de Sebo**”, atentando para as relações de poder, expostas nas relações de gênero.

## 1 GUY DE MAUPASSANT E CHICO BUARQUE

Francisco Buarque de Holanda – ou Chico Buarque – é um artista brasileiro e contemporâneo; Henri René Albert Guy de Maupassant, ou simplesmente Guy de Maupassant é um escritor Francês; ambos interessam-se em retratar, em suas produções, a temática social, política e cultural cada qual pelo seu país. Percebe-se claramente, em parte de suas obras, reflexões sobre os problemas sociais. De acordo com Martins (2005):

Chico é um homem de seu tempo, portanto, seu discurso e sua obra estarão impregnadas das marcas do momento histórico em que viveu. Chico não nasceu chico, ele se fez chico a partir dos elementos sociais que o cercavam. (MARTINS, 2005, p.7)

Desse modo, percebemos uma forte influência dos pensamentos de seu pai, o intelectual Sergio Buarque de Holanda, que lutava e defendia o processo de substituição da “elites” pelo “povo” como indivíduo da história.

Chico Buarque de Holanda tem diversificado seu campo artístico, além da música, percorre os campos do teatro, da literatura e do cinema.

A maioria de suas peças foram produzidas principalmente no período conturbado da ditadura militar (1964-1985), mostrando uma postura crítica e social, segundo a qual questionava as injustiças da sociedade. Em entrevista, Chico fala: “na época mais difícil, eu ficava ofendido e indignado, mas não era tanto pela censura e sim por tudo que a cercava [...]” Claire (*apud*, MARTINS, 2005, p.10).

Como decorrência das perseguições políticas, exilou-se por um tempo na Itália. Período que lhe serviu para amadurecer artisticamente. Os jornalistas e intelectuais dessa época tiveram seus trabalhos censurados, não tinham a liberdade de expressão, tudo era supervisionado pelo regime militar que assombrava a época.

No campo musical, Chico Buarque ficou conhecido, sobretudo, pelas canções de caráter social e resistência política. Venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música “A Banda”. De acordo com Rezende (2007, p.6), “os textos de Chico Buarque podem ser considerados como a nostalgia, a violência e a desilusão”. Essas características podem ser encontradas

principalmente em seus primeiros trabalhos. A partir da década de 1970, Chico Buarque mostra uma maior preocupação com a situação dos menos favorecidos da sociedade e busca compreender seu cotidiano. Por exemplo, no disco *Construção*, o compositor descreve a vida dura de um operário que trabalha arduamente para ganhar o sustento de sua família. De acordo com Meneses (1982 p.18) – estudiosa das canções de Chico Buarque:

Importa, no caso da obra de Chico Buarque, recuperar os elementos da biografia de uma geração, apontando o paralelo evolução política/ evolução poética. Em outras palavras, descobrir aí uma poesia que conta a história do seu tempo, ao contar a história do homem. Pode-se ver aqui em que medida uma biografia individual pode ser reveladora de uma crônica social.

A imagem feminina está presente em várias de suas composições, as quais retratam, com leveza, o universo da mulher, dando voz, para quem, na maioria das vezes, se cala diante da sociedade preconceituosa e machista. Chico Buarque sempre foi reconhecido como um dos artistas que mais sutilmente captaram a imagem do feminino e a exprimiram, traduzindo-a em canção. (MENESES, 2000). São exemplos, as canções “Terezinha”, “Bárbara”, “Ana de Amsterdã” e “Folhetim”. Suas canções são consideradas verdadeiras poesias.

Quando se fala de literatura, Chico não deixa a desejar. “Chico nos faz pensar diferentes ângulos da sociedade atual, assombrada pela violência, tomada pelo individualismo [...]” Carvalho (2009, p.92). Contribuiu com quatro romances sendo três deles vencedores do prêmio literário mais importante do Brasil, O Prêmio Jabuti. O primeiro, com a obra “O Estorvo”, como melhor romance de 1992. Na categoria Livro do Ano, venceu com “Budapeste” em 2004 e “Leite Derramado” no ano de 2010. “Irmão alemão” é seu mais novo romance, publicado em 2014. Sobre a produção literária de chico, Carvalho (2009, p.7) afirma:

[...] a obra literária de Chico Buarque, embora não deva e não possa ser limitada a uma mera tentativa de retratar as mazelas da vida urbana contemporânea, nos faz refletir sobre seus diferentes níveis e aponta para uma visão pouco otimista a respeito do destino da sociedade.

As obras de Chico Buarque são, na verdade, um reflexo da sociedade. Na dramaturgia, Chico valoriza a realidade do país, através de reflexões em torno do “povo brasileiro”. Em algumas de suas peças teatrais, percebe-se a grande preocupação com o aspecto político e social da sociedade brasileira da década de 70.

Como exemplo dessas produções, é possível citar as seguintes: “Calabar” (escrita juntamente com Ruy Guerra em 1973), retrata a época da invasão holandesa no Nordeste (vetada na época pelo regime militar); “Ópera do malandro” (1978), criada a partir da obra “Ópera do Mendigo” de John Gay e “Ópera dos três vinténs”, de Bertolt Brecht, a trama se desenvolve no Rio de Janeiro no fim do Estado Novo; e Gota d’água, produzida em 1975, em parceria com Paulo Pontes, cujo enredo retrata a vida de uma comunidade pobre situada no subúrbio carioca.

Chico Buarque de Holanda se inspirou no conto “**Bola de Sebo**” de Guy de Maupassant para produzir Geni, a qual dá nome à letra da música “**Geni e o Zepelim**” que serviu como base para a travestir Geni, personagem da peça “Ópera do malandro”. Produziu, de forma positiva, ao criar um personagem contemporâneo, sem se tornar uma obra menor, pois foi produzido bem depois de Bola de Sebo.

Segundo Wagner Homem, produtor do site oficial da vida e obra de Chico Buarque:

A música Geni e o zepelim, cuja história é baseada na da prostituta do conto Bola de Sebo, de Guy de Maupassant, rapidamente virou sucesso – e, como tal, gerou reações as mais diversas. Interpretações equivocadas da letra levaram até vândalos a atirar areia em prostitutas, usando o bordão catártico “joga bosta na Geni”. Em entrevista ao programa canal livre, em 1980, Chico lamenta o fato, dizendo que todo artista está sujeito a coisas desse tipo, mas que não deve submeter o processo criativo ao temor de ser mal entendido. (HOMEM, 2009, p.171).

O artista está exposto a vários julgamentos, principalmente quando diz respeito a uma obra crítica de cunho social.

Tido como um das grandes referências da literatura francesa, Guy de Maupassant percorreu vários caminhos da escrita. Poeta, escritor e

dramaturgo, publicou quinze volumes de contos e novelas, num total de mais de trezentas narrativas curtas, além de romances e peças. O escritor chama atenção com suas obras pela variedade temática, coisa que poucos escritores conseguem conferir com tal impressão de totalidade, de existência da criação de um universo fecundo e quase inesgotável. De acordo com Neves:

Maupassant não é absolutamente, apenas um autor de contos para a leitura de entretenimento. Suas narrativas, em vez de trazerem conforto a quem, antes de dormir, toma a cabeceira o volume que as contém, mais provocam que deleitam valores corrompidos, famílias movidas pela ganância, crimes, traições, enganos e seduções [...] (NEVES, [2015] p. 2)

Esses sentimentos podemos encontrar em seus principais contos. “Bola de sebo”, “Em família”, “O dote”, “O campo de oliveiras”, “Um passeio no campo”, “O adorno” e “A beira da cama”.

Logo após sua formatura em direito, em 1870, Maupassant se alistou como voluntário na guerra franco-prussiana. Após deixar a Normandia em 1871, logo se mudou para Paris, onde trabalhou dez anos como funcionário do departamento da marinha.

Com a ajuda dos escritores Emile Zola e Gustave Flaubert, romancistas franceses de seu tempo, Maupassant consegue entrar no meio da literatura parisiense. Apesar da ajuda e influência dos amigos, Maupassant sempre teve sua opinião formada, o que era necessário para sua independência como artista. Suas produções literárias tornaram-se livres de tendência de qualquer espécie. A respeito de sua independência literária, Maupassant descreve:

Por egoísmo, maldade ou ecletismo, não quero nunca me ligar a nenhum partido político, qualquer que ele seja, a nenhuma religião, a nenhuma seita, a nenhuma escola, nem entrar numa associação que professe certas doutrinas, nem me inclinar diante de nenhum dogma, diante de nenhuma prenda e de nenhum princípio, e isso unicamente para conservar o direito de falar mal de todos eles. Maupassant (apud NEVES, [2015] pp. 5-6)

Maupassant nunca exerceu o papel de burguês alienado, e demonstra, em seus contos, crônica e em sua escrita, uma certa ironia e acidez nas palavras. Cativava os leitores com uma simplicidade na linguagem, pelo modo de criticar os valores morais da sociedade. Ele também lutava contra a

independência da arte, queria que fosse desvinculada dos poderes políticos e que ganhasse espaço pela beleza que traz em si.

Para Maupassant, o escritor era alguém diferente dos outros. Acreditava que o artista carregava consigo um sofrimento, pois tinha a necessidade de compreender tudo ao seu redor.

O sucesso de Maupassant ultrapassou a França e se expandiu em outros países. De acordo com Neves (2012) a escrita de Maupassant conquistou muitos leitores. No Brasil, era lido e admirado como mestre dos contos, por vários escritores, por exemplo, Lobato que, em 1918, publicou o conto “O meu conto de Maupassant”, no qual elogia as narrativas do escritor Francês. Com o passar do tempo, outro escritor brasileiro, Mário de Andrade, em seu artigo “contos e contistas”, refere-se a ele como “o maior contista existente”. Neves (2012, p.4) ainda ressalta que “Maupassant foi assimilado tanto na aprendizagem erótica, quanto na formação literária do escritor Mário de Andrade”.

Para Barthes (*apud* NEVES, [2015], p.09) “Maupassant é um dos grandes escritores de nossa literatura que soube descrever em profundidade uma alienação social, generosamente desmistificada”.

O conto **Bola de Sebo** fez um grande sucesso de imediato com os leitores. O amigo Gustave Flaubert, teceu elogios diante de sua obra: “considero **Bola de Sebo** uma obra-prima! Sim, meu jovem! Nem mais nem menos, isso é de um mestre”.

Apesar de toda sua fama e reconhecimento, Maupassant acaba se deslumbrando com tamanha fama e riqueza adquirida. Começa a levar uma vida boemia e de luxo. Aos 43 anos, faleceu no manicômio após várias tentativas de suicídio, originadas de perturbações causadas pela sífilis, que o atormentava por mais de uma década.

Maupassant deixou uma vasta obra: romances; contos; poesias; novelas; crônicas; cartas e narrativas de viagem. A visão ilusória do mundo abrange suas várias formas de expressão e de compreensão nos trabalhos de Maupassant.



## 2 O DISCURSO COMO FORMA DE MANIPULAÇÃO NO “CONTO BOLA” DE SEBO E NA CANÇÃO “GENI E O ZEPELIM”

O conto “**Bola de Sebo**”, originalmente “**Boule de Suif**” de Guy de Maupassant publicado em 1880, retrata a sociedade burguesa da França do fim do século XIX, em meio à brutalidade e sofrimento da guerra. A hipocrisia e maldade da sociedade com as classes menos favorecidas.

A canção “**Geni e o zepelim**” de Francisco Buarque de Holanda, criada para o musical “Ópera do malandro” (1978), baseado na “Ópera dos mendigos” (1728) de John Gay, na “Ópera dos três vinténs” (1928), de Bertold Brecht e Kurt Weill, conta a história de Duran, grande cafetão do Rio de Janeiro que se passa por um comerciante, junto com sua mulher vitória, sua filha Terezinha, as prostitutas que frequentavam o bordel e Geni – a famosa travesti.

Gravada bem depois do conto, por volta de (1978), no final do governo Geisel, a letra da canção enfatiza as diferenças culturais em um ambiente similar para as personagens, ambas rejeitadas, repudiadas, discriminadas pela sociedade preconceituosa e oportunista que muda de ideia de acordo com seus interesses.

De início, encontramos alguns traços na canção presentes no conto, no qual existe um mesmo núcleo figurativo. Geni e Bola de Sebo trazem a temática da generosidade, lealdade, submissão e dignidade. Outra semelhança evidente entre ambas as narrativas é a presença do comandante do Zepelim e o oficial prussiano que usa seu autoritarismo e poder contra as protagonistas.

A narrativa de Guy de Maupassant se inicia com uma descrição do cenário de guerra, de um país à mercê do medo e do poder.

Por vários dias os destroços do exército vencido haviam atravessado a cidade. Não eram tropas, mas hordas em fuga desordenada [...] viam-se principalmente os mobilizados, gente pacífica, rendeiros tranquilos sob o peso de fuzil; rapazolas espertos, fáceis de assustar e de entusiasmar, tão prontos para o ataque como para fuga [...] legiões de franco-atiradores, homens heroicos os vingadores da derrota, os cidadãos do sepulcro, os distribuidores da morte passavam, por sua vez, com ares de bandidos [...]. (MAUPASSANT,2003, p.11)

Nesse clima de guerra, um grupo de pessoas consegue autorização para sair da cidade – grupo esse formado por homens e mulheres, a maioria

burgueses conhecidos na cidade pelo poder aquisitivo que tinham. M. e Mme. Loiseau – atacadistas de vinho –, era conhecido como grande espertalhão, M. Carré-Lamadon, grande comerciante de algodão, o conde e condessa Hubert de Bréville, Cornudet; um democrata, todos representam “o setor endinheirado, sereno e forte da sociedade – a gente direita, que tem religião e princípios” (MAUPASSANT, 2003, p.17), havia também duas bondosas freiras murmurando longas ave-marias. Com a escuridão da madrugada os passageiros não reconheceram Elizabeth Rousset – mais conhecida por Bola de Sebo –, famosa meretriz da cidade. Seu apelido lhe foi dado em alusão à gordura que lhe contornava as curvas, como descreve o autor.

Bem pequena, redondinha obesa, com dedos gordinhos, estrangulados nas falanges, semelhantes a curtas salsichas com uma tez brilhante e tensa, o seio enorme a arrebentar a blusa, era não obstante apetitosa e desejável, de tal forma seduzia seu frescor. Seu rosto parecia uma maçã vermelha, um botão de peônia prestes a desabrochar; e ali se abriam, no alto, dois esplêndidos olhos negros, sombreados de grandes e espessos cílios, que mais escuros ainda os tornavam; em baixo, uma sedutora boca, pequena, molhada para o beijo, adornada de dentinho brilhantes e microscópicos. Ademais, ela possuía, segundo se comentava, inapreciáveis qualidades. (MAUPASSANT, 2003, p.18)

O padrão de beleza estabelecido pela sociedade consumista gera graves consequências à população, pois as pessoas se vêm compelidas a segui-lo e acabam por se tornar, paulatinamente, indiferentes aos parâmetros de simplicidade. Cada ser humano é diferente um do outro e cada um é dotado de beleza diferente. A indústria da beleza está levando cada dia mais as pessoas ao consumo exagerado de produtos. Diferentemente desses padrões de beleza, impostos pela cultura do consumo de hoje, Bola de Sebo chama a atenção dos homens pelo seu excesso de gordura.

Em virtude de sua presença na viagem, as mulheres – tidas como honradas –, começaram a desprezar Bola de Sebo, usando palavras como “prostituta e vergonha pública”. Bola de Sebo não é bem vista na sociedade devido ao modo de vida que levava, é livre e dona dos seus desejos. Devido ao pensamento conservador a respeito da sexualidade, Bola de Sebo e Geni são hostilizadas pela sociedade.

Sobre a sexualidade, Foucault afirma que:

O sexo é reprimido com tanto vigor, por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa, na época em que explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres salvo naqueles reduzidos ao mínimo que lhe permitem reproduzir-se? O sexo e seus efeitos não são, talvez fáceis de decifrar, em compreensão, assim recolocada sua repressão facilmente analisada [...] se o sexo é reprimindo, isto é, fechado a proibições, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como um ar de transgressão deliberada. (FOUCAULT, 1999, p.11-12)

O sexo era tido como imoral e vergonhoso; as mulheres não podiam falar de sexo nem de seus desejos. Reprimiam suas vontades e satisfaziam apenas as vontades dos maridos. O sexo era associado ao pecado. As mulheres se resguardavam, viviam apenas para cuidar da casa e dos filhos.

Para Foucault (1999) o sexo e o poder caminham juntos, numa relação constante de repressão, de tabus e do preconceito de se falar sobre sexo abertamente, fato que deve ser combatido.

O mesmo preconceito atinge Geni por viver de prestar serviços sexuais.

*De tudo que é nego torto  
Do mangue e do cais do porto  
Ela já foi namorada  
O seu corpo é dos errantes  
Dos cegos, dos retirantes  
É de quem não tem mais nada  
Dá-se assim desde menina  
Na garagem, na cantina  
Atrás do tanque, no mato  
É a rainha dos detentos  
Das loucas, dos lazarentos  
Dos moleques do internato  
E também vai a miúde  
Com os velinhos sem saúde  
A as viúvas sem porvir...*

Assim como Bola de Sebo, Geni é dona de seu corpo, faz dele o que bem quiser. Como mostra na letra da música, a meretriz prefere se relacionar com os excluídos da sociedade, por sentir-se um deles.

São nítidas as discriminações das duas personagens, ambas são mal vistas pela sociedade simplesmente pelo modo de vida que levam. A sociedade

manipula, impõe regras, castiga as pessoas tidas como “ímorais”, por não seguirem as condutas impostas no meio em que estão inseridas. Sobre a moral, Foucault ressalta:

[...] porém por moral entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostas: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles resistam ou negligenciam um conjunto de valores[...]. (FOUCAULT, 1998, p.26)

O peso que os valores morais tinham sobre a sociedade, fazia com que os indivíduos seguissem uma doutrina segundo a qual o descumprimento acarretava a rejeição social.

Adorno (*apud* FIANCO, 1992, p.19) ressalta “[...] a própria sociabilidade forçada já é por si só uma forma de injustiça”. Desse modo, o fingimento e a mentira tornam-se presentes no discurso superficial, segundo o qual, na maioria das vezes, ninguém quer saber o que o outro tem a dizer.

Durante a viagem de fuga para Tôtes, os passageiros que seguiam viagem com Bola de Sebo começam a sentir fome. Precavida, Bola de Sebo retira um cesto de comida debaixo de sua saia, e, com sua generosidade, convida a todos para comerem com ela. Em princípio, houve rejeição por parte dos passageiros, mas, logo em seguida, todos se fartaram aproveitando-se da generosidade de Bola de Sebo, “ainda bem que a madame foi mais previdente que nós. Existem pessoas que sempre sabem pensar em tudo” (MAUPASSANT, 2003, p.20).

A gentileza de Bola de Sebo com os companheiros de viagem fez com que ela se sentisse útil ao lhes prestar ajuda, embora deles tivesse sofrido agressões verbais e humilhações.

Todos, agora bem alimentados, seguem a viagem tranquilos, até então surgir um oficial alemão, que os impede de seguir viagem rumo a Tôtes. Quando o oficial viu que Bola de Sebo estava na carruagem, decide propor um negócio. Desbloquearia o caminho para seguirem viagem se Bola de Sebo passasse uma noite com ele. A princípio, houve uma recusa, pois Bola de Sebo era “bonapartista” e tinha seus princípios, não se deitava com inimigo, pois amava sua pátria. “– Diga a esse porco, a essa peste de alemão que eu nunca

consentirei. Compreende bem? Nunca! Jamais!” (MAUPASSANT, 2003, p.32).

Com a recusa de Bola de Sebo, os demais passageiros se revoltaram contra ela, pois queriam prosseguir a viagem para fugir da guerra, e isso só seria possível quando Bola de Sebo cedesse aos caprichos e desejos do oficial prussiano. As mulheres “honradas” começaram a ignorá-la, nem falavam mais com a prostituta, quando, de repente começaram os maus tratos e xingamentos por parte de Mme. Loiseau:

Nós é que não vamos morrer de velhice aqui. Ora, se é o ofício dessa ordinária fazer isso com todos os homens, acho que ela não tem o direito de recusar quem quer que seja. Justo ela que não rejeitava ninguém em Ruão, nem os cocheiros! Sim, madame, o cocheiro da prefeitura! [...] e agora que se trata de nos ajudar, essa ordinária fica cheia de melindres! (MAUPASSANT, 2003, pp.34-35)

A partir desse momento, todos começam a desprezar Bola de Sebo. Querem entregar a “miserável” de qualquer maneira ao oficial alemão, sem ao menos saber o que realmente ela estava sentindo com a situação em que se encontrava. Começaram a convencê-la que seria o melhor para todos, que ela resolvesse essa situação de uma vez. Só Bola de Sebo tinha o poder de salvá-los da guerra. Dessa maneira, o conde e os demais passageiros começam a sentir medo de não conseguirem seguir viagem para fugir do caos que a guerra trazia. “Então você prefere deixar-nos aqui, expostos, como você mesmo a todas as violências [...] prefere tudo isso a consentir numa dessas complacências que você já teve tantas vezes na vida?” (MAUPASSANT, 2003, p.38).

Foram feitos todos os pedidos para que a meretriz cedesse e fosse ao encontro do comandante. Com um discurso persuasivo, o conde argumenta que só assim ela receberia o “reconhecimento de todos” (MAUPASSANT, 2003, p.38). “Aliciou-a pela brandura, pela razão, pelos sentimentos” (MAUPASSANT, 2003, p.38).

Para o filósofo Francês Michel Foucault (1999, p. 20):

Discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de

verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la.

Com o discurso de manipulação e convencimento para com Bola de Sebo, os companheiros de viagem argumentaram que “muitos haviam feito coisas que seriam crimes a nossos olhos; mas a igreja absorve sem dificuldades tais atos, quando são praticadas pela glória de Deus, ou por amor ao próximo” (MAUPASSANT, 2003, p.37). Foram usados vários exemplos para assim convencê-la de que ceder à vontade do soldado prussiano seria um ato banal, muitos já o tinham feito isso.

[...] o discurso de manipulação tem a intenção de manter o status quo, pois é a única maneira que uma determinada parcela da sociedade tem para continuar vivendo em cima de um barril de pólvora (massa oprimida) sem ser explorada, isto, é sem que a massa opressora se revolte. (MARINHO, 2008, p.21)

Com o plano concebido pelos passageiros, Bola de Sebo se convence de que será melhor para todos, principalmente para os companheiros de viagem, aceitar a proposta do oficial, mas deixa claro que só vai ao encontro em atendimento aos clamores dos companheiros.

Após conversar com o soldado prussiano, Bola de Sebo descobre que ele só os liberariam para seguirem viagem se ela saciasse seus desejos sexuais. A meretriz ficou aterrorizada com a proposta. Logo ela que não se deitava com inimigo, de imediato recusou. O desprezo assombra novamente Bola de Sebo. “[...] quase que odiavam aquela rapariga, agora por não ter ido encontra-se secretamente com o prussiano [...]” (MAUPASSANT, 2003, p.33).

Todos, aterrorizados, queriam de qualquer forma entregar Bola de Sebo ao prussiano, sem exceção, até mesmo as duas bondosas freiras põem-se a conspirar com um discurso manipulador, e, maioria das vezes, vazio e sem verdade.

Só mentimos para dar a entender ao outro que nele nada nos importa, porque não temos necessidade dele, que nos é indiferente o que ele pensa de nós. A mentira, antigamente um meio liberal de comunicação, tornou-se hoje uma técnica de descaramento, com cujo auxílio cada indivíduo espalha em seu

redor à frieza, sob cuja proteção ele pode prosperar.  
(ADORNO, *apud* FIANCO, 1992, p.24)

De acordo com Adorno, a falta de interesse com o outro está cada vez mais atrelada aos sentimentos humanos. O egoísmo com o próximo acaba deixando a generosidade de lado, fazendo com que os sentimentos mais singelos se tornem mentiras. O ser humano está se afastando cada vez mais do convívio com os outros.

Foram tantos argumentos que a prostituta engole seu orgulho, e sacia os desejos do comandante, cumprindo assim com o combinado. Por ser tão discriminada, Bola de Sebo se torna carente de afeto, até mesmo meio dúzia de palavras doces, mesmo que sejam mentirosas, acabam por comovê-la.

Na manhã seguinte, sem mais nenhuma serventia, Bola de Sebo volta a ser humilhada. “[...] ninguém a olhava, ninguém se importava com ela. Sentia-se afogada no desprezo daqueles honestos crápulas, que primeiro a haviam sacrificado, e rejeitado depois como uma indecente e inútil [...]” (MAUPASSANT, 2003, p.43).

Todos viram-lhe as costas, pois não tinha mais nenhuma serventia para os demais passageiros, diante da situação de desprezo, Bola de Sebo procurou conter o choro, mas não conseguiu “as vezes um soluço, que ela não conseguira conter, atravessava a escuridão” (MAUPASSANT, 2003, p.44).

O mesmo discurso persuasivo de manipulação acontece com Geni – a protagonista da canção “**Geni e o Zepelim**”, de Chico Buarque de Holanda.

De acordo com Andrade (2012, p.01) “O discurso persuasivo desloca uma palavra contaminada por sua carga de sentido histórico para uma privada de novos sentidos, designados para uma determinada função”. Nesse caso, a persuasão tem o principal objetivo de convencer ou de mudar atitudes ou comportamentos já estabelecidos.

*Acontece que a donzela  
(E isso era segredo dela)  
Também tinha seus caprichos  
E ao deitar com homem tão nobre  
Tão cheirando a brilho e a cobre  
Preferia amar com os bichos*

A princípio, Geni não aceita ficar com o comandante, provocando uma

grande comoção a toda a população da cidade, que, aterrorizados com a destruição da cidade, clamam pela ajuda de Geni, que, num momento passa a ser a heroína. Só a meretriz tem o poder de salvá-los da destruição. Diante da situação de desespero, começam os pedidos. Nessa hora, todos são iguais perante a sociedade, onde Geni passa de “maldita” para “bendita” em um piscar de olhos.

*Ao ouvir tal heresia  
A cidade em romaria  
Foi beijar a sua mão  
O prefeito de joelhos  
O bispo de olhos vermelhos  
E o banqueiro com um milhão*

*Vai com ele, vai, Geni!  
Vai com ele, vai, Geni!  
Você pode nos salvar  
Você vai nos redimir*

*Você dá pra qualquer um  
Bendita Geni!*

A necessidade de se salvarem é maior que os princípios. Nesse momento da estória, Geni passa a ser idolatrada por todos. As vozes sociais representadas pelo bispo (religião), pelo prefeito (poder político), e pelo banqueiro (poder econômico) são as mais aterrorizadas. Com medo do transtorno que a destruição iminente à cidade. Em ambas as narrativas, é possível perceber as relações de poder que se estabelecem na sociedade.

O poder de manipular os outros, seja pelo discurso ou pela posição social que cada uma carrega. As personagens Geni e Bola de Sebo se encontram no lado dos marginalizados, no lado escuro e silencioso da sociedade. “[...] o poder nem é fonte nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder” (FOUCAULT, 2006, p.253). Nessa perspectiva compreende-se que o poder se manifesta por meio do discurso. O poder não está centralizado num só lugar, o poder é abrangente e está em toda parte, no dia-a-dia no convívio social, no discurso, em todas as relações pessoais.



A relação de dominação é uma característica do sistema social. Impor sua vontade não é direito de todos mas de um pequeno grupo de indivíduos [...] o medo que toma conta dos indivíduos é consequência da aceitação de um discurso manipulador. (MARINHO, 2008, p. 18 )

Nesse sentido, a classe oprimida da sociedade não tem voz e nem direito a decisões, cabe a eles apenas aceitar o que a classe superior tem a dizer e a oferecer.

Segundo Marinho (2008), o poder consegue, na maioria da vezes, conduzir as ações dos outros indivíduos. Sem tal poder, o que resta é sofrer as consequências que a sociedade costuma impor.

Assim como Bola de Sebo, Geni é aliciada e convencida a se entregar ao comandante. “Foram tantos os pedidos \ tão sinceros, tão sentidos”. Diante do discurso e do poder que a cidade tem ao manipular os mais fracos, a classe oprimida na qual Geni se enquadra, sem escolha e sem voz para opinar o pedido acaba sendo atendido e Geni, contrariando os seus princípios, cede ao pedido do comandante.

*Ele fez tanta sujeira  
Lambuzou-se a noite inteira  
Até ficar saciado  
E nem bem amanhecia  
Partiu numa nuvem fria  
Com seu zepelim prateado*

*Num suspiro aliviado  
Ela se virou de lado  
E tentou até sorrir  
Mas logo raiou o dia  
E a cidade em cantoria  
Não deixou ela dormir*

*Joga pedra na Geni!  
Joga bosta na Geni!  
Ela é feita pra apanhar!  
Ela é boa de cuspir!  
Ela dá pra qualquer um!  
Maldita Geni!*

Todos na cidade voltaram a desrespeitar Geni, mesmo após tudo que ela fez para salvá-los da destruição iminente. A mudança interesseira e hipócrita da cidade volta à tona depois que Geni perde sua serventia. O

vocábulo “bosta” denota a discriminação, banalização e a exclusão de Geni na cidade.

A generosidade e a vontade de serem aceitas eram grandes. Tanto Geni como Bola de Sebo, salvaram aquelas pessoas que nunca aceitaram sua condição de prostituta.

Ambos os sacrifícios – de saciar os desejos sexuais do comandante do zepelim e do soldado prussiano – foram inúteis, pois os problemas que já existiam continuam e sempre virão à tona. Bola de Sebo e Geni continuaram sendo desprezadas e desrespeitadas por uma sociedade machista e preconceituosa, como o foram.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve, como objetivo, analisar a letra da música “**Geni e o Zepelim**” de Chico Buarque de Holanda, atentando para as semelhanças existentes no conto “**Bola de Sebo**” de Guy de Maupassant.

Buscou-se refletir acerca das relações de poder, e como o poder é usado como forma de manipulação das vontades humanas. Diante disso, procuramos analisar o discurso persuasivo dos personagens, principalmente de Humbert de Brévill (conde), presente no conto **Bola de Sebo**, e as vozes da cidade presente em **Geni e o Zepelim**, que conseguem, por meio do discurso e do poder, persuadir e convencer a fazer o que querem – no caso, as protagonistas Geni e Bola de Sebo – de salvarem a todos da destruição iminente que só tais personagens tinham o poder de evitar.

O discurso de convencimento foi usado como estratégia para, assim, convencê-las de que seria o melhor para todos.

No decorrer das narrativas, as relações de interesse, se tornam presentes. A exploração da burguesia sobre a classe menos favorecida faz com que o oprimido se sinta acuado diante da manipulação que os poderosos manifestam ao almejar seus objetivos, no caso, a salvação.

A música **Geni e o Zepelim** traz marcas, em si, de um período histórico extremamente conflituoso, marcado pelo poder e pelo autoritarismo da classe social burguesa.

Embora os discursos dos personagens sejam parecidos e tenham a mesma intenção, no conto, o narrador delega voz à protagonista Bola de Sebo, que reclama, diretamente, da falta de patriotismo dos companheiros de viagem, enquanto, na canção, é negado esse direito à Geni, que é sempre discriminada pela cidade.

Desse modo, a partir da análise, foi possível refletir sobre como o discurso tem o poder de levar o indivíduo a manipular o outro, de modo que fica fácil moldar cada um da maneira que lhe convier.

A falsidade, o sarcasmo e a hipocrisia são alguns quesitos que sempre se imiscuirão no pensamento humano.

Assim, espera-se que o presente trabalho venha a despertar, no leitor,

de alguma forma, um maior conhecimento a respeito do discurso presente nas relações sociais e cotidianas, tendo em vista que ele é considerado uma arma poderosa, de exploração, poder e manipulação do outro com o qual se está em convívio na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Glicia Kelline Santos: **Análise do Discurso**: O poder da persuasão e o papel da memória. (Graduada/UFS). Anais eletrônicos III Enill. Encontro Interdisciplinar da língua e literatura. Itabaiana. 2012. Disponível em: <[http://www.anais\\_eletronicos\2012\III\\_enill\\_Glicia\\_Kelline.pdf](http://www.anais_eletronicos\2012\III_enill_Glicia_Kelline.pdf)>. Acesso em: 17 fev. de 2016.

CARVALHO, Vivian Cristina Alves de: **O romance de Chico Buarque**: uma leitura de estorno, Benjamim e Budapeste. Dissertação (Mestrado em literatura Brasileira). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. de 2016.

FOUCAULT, Michel. **Histórias da Sexualidade I**; a vontade de saber. In: Nós, vitorianos. Ed 13ª. Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. **Histórias da sexualidade II**; o uso dos prazeres. In: A moral e pratica de si. 1998.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, Poder Saber**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FIANCO, Francisco. **Adorno**: ideologia, cultura de massa e crise de subjetividade. Revista de Estudos Filosóficos. nº 04 /2010. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>>. Acesso em: 02 de mar. 2016.

HOMEM, Wagner. **Histórias e Canções**: Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009.

MARINHO, Ernandes Reis. **As relações de poder segundo Michel Foucault**. E-Revista Facitc, v 2, nº 2, Art 2, Dezembro 2008. Disponível em: <<http://www.facitc.br/revista>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

MARTINS, Christian Alves. **O Inconformismo Social no Discurso de Chico Buarque**. Revista de história e estudos culturais. Uberlândia abril/maio/junho, 2005. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MAUPASSANT, Guy. **Bola de Sebo e outros contos**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Desenho Mágico**: poesia e política em Chico Buarque. São Paulo: hucitec, 1982.

\_\_\_\_\_. **Figuras do feminismo na canção de Chico Buarque**. 2000 editora: Ateliê.

NEVES, Ângela das. **Guy de Maupassant, um iluminista das letras francesas**. Tese (doutorando em literatura francesa pela Universidade de São Paulo) disponível em: <<http://www.mackenzil.br>>. Acesso em: 20 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Quando Oswald devorou Maupassant**. Revista fronteira Z, n. 8, julho de 2012. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/revistafronteiraz>>. Acesso em: 13 jan 2016.

REZENDE, Irene Severina. **Similaridades temáticas além-fronteiras: Chico Buarque e Guy de Maupassant**. Revista Crioula. Nº 2. Novembro 2007. Disponível em: <http://www.revista.usp.br/crioula/articli/download>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2016.